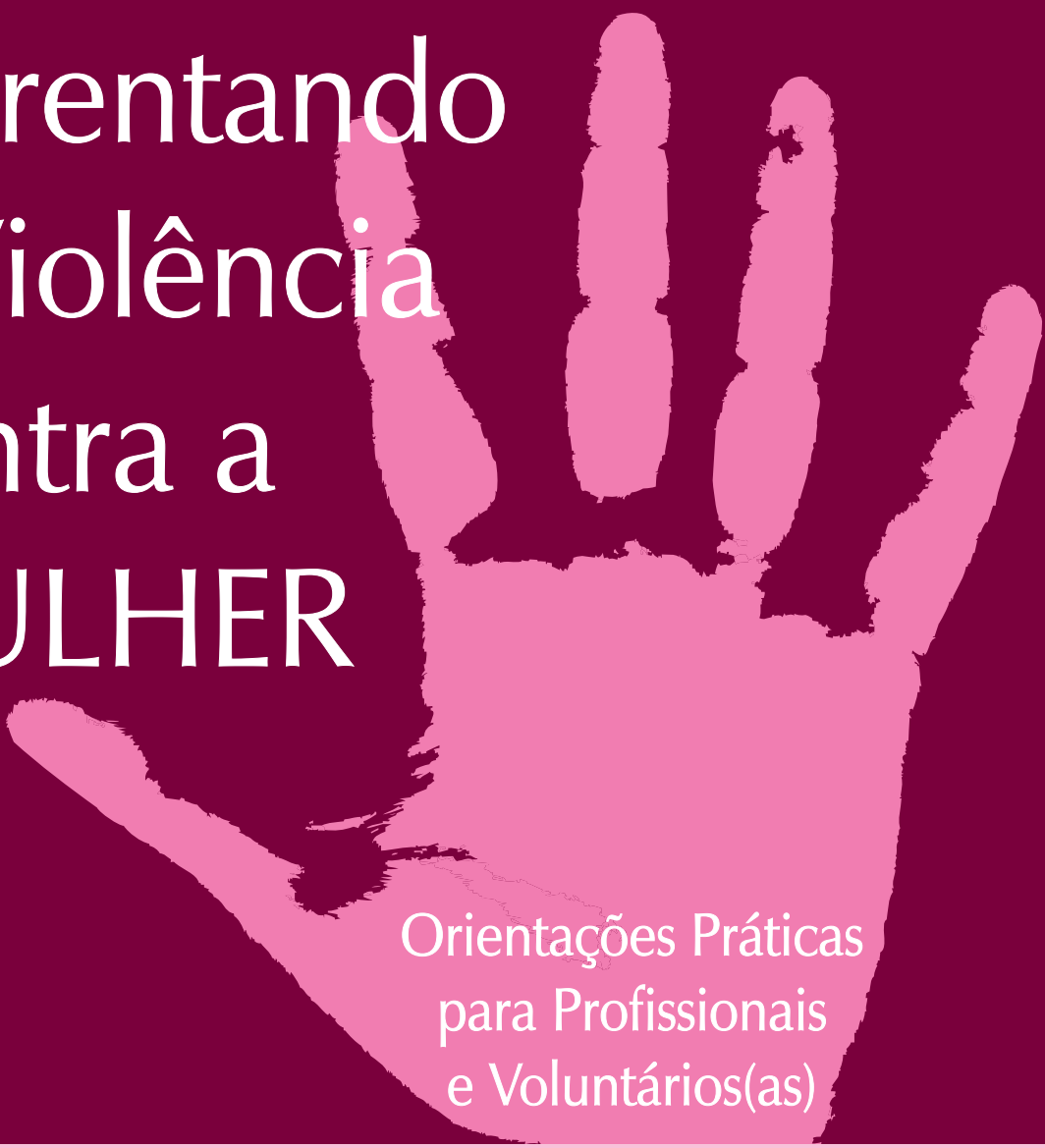


Enfrentando a Violência contra a MULHER



Orientações Práticas
para Profissionais
e Voluntários(as)

Bárbara M. Soares

ENFRENTANDO A
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES
NILCÉA FREIRE



ENFRENTANDO A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

- Orientações Práticas para
Profissionais e Voluntários(as) -

Bárbara M. Soares

Brasília
2005



Secretaria Especial de
Políticas para as Mulheres



© 2005 - Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres

Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres
Esplanada dos Ministérios, bloco L, Ed. Sede, 2º andar, sala 200.
70447-900 - Brasília - DF
Tels.: (61) 2104-9377 e 2104-9381
Fax: (61) 2104-9362
spmulheres@smulheres.gov.br
<http://www.presidencia.gov.br/spmulheres>

Produção

Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres
Centro de Estudos de Segurança e Cidadania - CESEC-UCAM

Revisão, edição e projeto gráfico

Heloisa Frossard

Agradecimentos

Aparecida Fonseca Moraes; Iara Ilgenfritz; Leonarda Musumeci; Luciane Patrício Braga de Moraes; Marisa Gaspary; Rosana dos Santos Alcântara

É permitida a divulgação de parte ou do todo desta obra, desde que citada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Brasil. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.

Enfrentando a Violência contra a Mulher – Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. 64p.

1. Violência contra a Mulher. 2. Ciclo da Violência, Violência Doméstica.
3. Avaliação de Risco

I. Bárbara M. Soares

CDU 396



ENFRENTANDO A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	09
INTRODUÇÃO	11
1. QUEM AGRIDE E QUEM É AGREDIDO(A)?	13
2. QUAIS AS MANIFESTAÇÕES DA VIOLÊNCIA CONJUGAL?	21
3. POR QUE AS MULHERES AGÜENTAM POR TANTO TEMPO UMA RELAÇÃO VIOLENTA?	27
4. DEZ MITOS SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	31
5. ORIGENS DA VIOLÊNCIA?	37
6. É POSSÍVEL ANTECIPAR SINAIS DA VIOLÊNCIA?	39
7. COMO CONSTRUIR UM PLANO DE PROTEÇÃO?	41
8. COMO APRIMORAR O ATENDIMENTO?	44
9. IMAGINE SE FOSSE COM VOCÊ... ..	55
10. É POSSÍVEL MEDIR A GRAVIDADE DO RISCO?	58
PALAVRAS FINAIS	62

APRESENTAÇÃO

É com satisfação que a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres coloca a disposição de todos(as) aqueles(as) que em sua atividade profissional ou voluntária confrontam-se com as múltiplas faces da violência contra a mulher a publicação *Enfrentando a Violência contra a Mulher* de autoria de Bárbara Soares. A professora Bárbara Soares é antropóloga, pesquisadora do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania – CESEC – da Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, e soma sua profunda reflexão acadêmica sobre a temática da violência baseada em relações de gênero, com a experiência prática de quem viveu, como gestora, o Sistema de Segurança Pública no estado do Rio de Janeiro.

Prevenir e combater a violência contra as mulheres é tarefa das mais complexas e exige como política pública a articulação de diferentes serviços em uma rede integrada de atenção à mulher que vive em situação de violência.

No cotidiano dos serviços encontramos mulheres e homens que se dedicam a este trabalho com sensibilidade, seriedade e, porque não dizer, uma boa dose de militância.

São elas(es) que no dia-a-dia recebem essas mulheres, ouvem seus relatos, providenciam seu encaminhamento de acordo com o caso, e, lhes dão o acolhimento e o apoio fundamentais nestas situações.

A partir da análise e da consolidação dessas experiências, o Centro de Estudos de Segurança e Cidadania – CESEC – produziu esta publicação, que sistematiza e amplia o conhecimento adquirido por estas(es) profissionais.

As informações contidas neste manual abordam, entre outras coisas, as formas como se desenvolvem o ciclo da violência doméstica, os mitos que a cercam, os dados sobre as agressões intrafamiliares e sugestões de proteção e segurança para as mulheres em situação de risco.

Enfrentando a Violência contra a Mulher contém orientações práticas e oferece ainda um conjunto de ferramentas, todas de grande utilidade prática.

A SPM espera desta forma contribuir para multiplicar o contingente de pessoas aptas a trabalhar na erradicação desse fenômeno perverso que gera milhares de vítimas entre as mulheres de todo o mundo com dramáticas repercussões sobre a estrutura de suas famílias e de toda a sociedade.

Nilcéa Freire
Ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres

INTRODUÇÃO

O conjunto de textos reunidos neste manual tem o propósito de oferecer a você algumas ferramentas que podem auxiliar o seu trabalho cotidiano de atendimento às mulheres em situação de violência.

O objetivo desses textos é ajudá-lo(a) a lidar da melhor forma possível com as vítimas da violência doméstica: para isso, eles trazem alguns dados importantes, põem em cheque algumas das nossas idéias mais comuns, ajudam a identificar a violência e a detectar os sinais de alerta, reúnem sugestões para aumentar a segurança das mulheres - antes, durante e depois das crises -, propõem técnicas de escuta e oferecem dicas para o atendimento.

Esperamos que este material seja, de fato, útil e contribua para enriquecer ainda mais a sua prática profissional ou voluntária.

1. QUEM AGRIDE E QUEM É AGREDIDO(A)?

FORMAS DE VIOLÊNCIA CONJUGAL

✋ Na grande maioria dos casos, a mulher é a principal vítima. Na sua forma mais típica, a violência conjugal é uma expressão do desejo de uma pessoa controlar e dominar a outra (repare que muitos homicídios acontecem justamente quando a mulher tenta se separar: esse é o momento em que o agressor percebe que perdeu! Já não consegue mais dominar e controlar sua parceira).

✋ Ainda na sua forma típica, a violência doméstica contra a mulher envolve atos repetitivos, que vão se agravando, em frequência e intensidade, como coerção, cerceamento, humilhação, desqualificação, ameaças e agressões físicas e sexuais variadas. Além do medo permanente, esse tipo de violência pode resultar em danos físicos e psicológicos duradouros.

✋ Em alguns casos, tanto o homem quanto a mulher podem ser violentos e praticar agressões físicas ou verbais, por terem dificuldade de expressar seus sentimentos de forma respeitosa e civilizada. Estas são as típicas relações de **conflito**. Pode existir violência física e verbal, mas o que alimenta essa violência não é a desigualdade de poder. O que acontece, nos casos de **conflito**, é que a relação de amor acaba se transformando numa espécie de ringue de lutas e disputas recíprocas.

 **Em outros casos, é a mulher quem pratica a violência física ou emocional, infernizando a vida do parceiro ou da parceira do mesmo sexo. Isso também acontece, embora com menos frequência.**

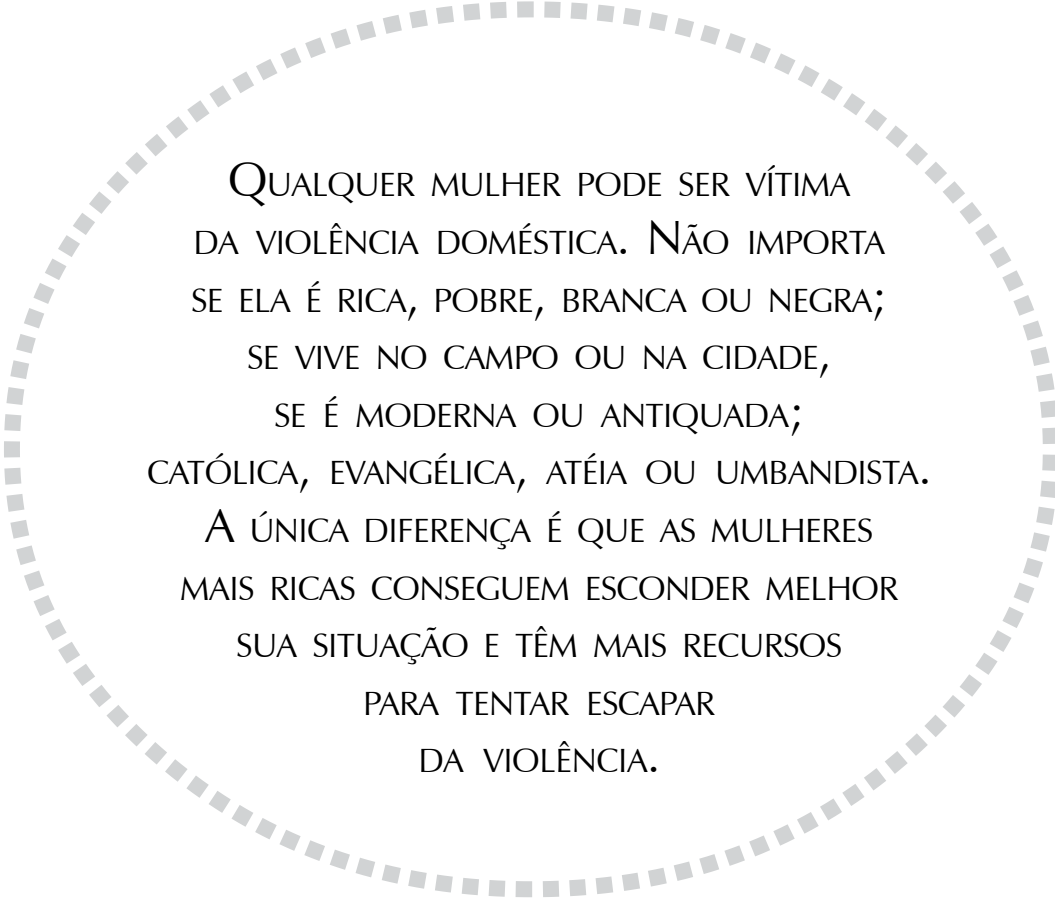
 **Muitas vezes, a violência doméstica vem acompanhada de outros problemas como: pobreza, alcoolismo, uso e abuso de drogas, problemas mentais etc., mas cuidado! Normalmente esses são problemas adicionais, NÃO SÃO CAUSA DA VIOLÊNCIA!**

 **Muitos alcoólatras nunca agrediram suas mulheres e muitos homens não precisam do álcool para praticar violência.**

A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher (Convenção de Belém do Pará, 1994) define a violência contra a mulher como “qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada:

- a) ocorrida no âmbito da família ou unidade doméstica ou em qualquer relação interpessoal, quer o agressor compartilhe, tenha compartilhado ou não a sua residência, incluindo-se, entre outras formas, o estupro, maus-tratos e abuso sexual;
- b) ocorrida na comunidade e cometida por qualquer pessoa, incluindo, entre outras formas, o estupro, abuso sexual, tortura, tráfico de mulheres, prostituição forçada, seqüestro e assédio sexual no local de trabalho, bem como em instituições educacionais, serviços de saúde ou qualquer outro local; e
- c) perpetrada ou tolerada pelo Estado ou seus agentes, onde quer que ocorra.”

A Convenção de Belém do Pará foi adotada por aclamação na Assembléia Geral da OEA (Organização dos Estados Americanos) e ratificada pelo Estado brasileiro, em novembro de 1995.



QUALQUER MULHER PODE SER VÍTIMA
DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. NÃO IMPORTA
SE ELA É RICA, POBRE, BRANCA OU NEGRA;
SE VIVE NO CAMPO OU NA CIDADE,
SE É MODERNA OU ANTIQUADA;
CATÓLICA, EVANGÉLICA, ATÉIA OU UMBANDISTA.
A ÚNICA DIFERENÇA É QUE AS MULHERES
MAIS RICAS CONSEGUEM ESCONDER MELHOR
SUA SITUAÇÃO E TÊM MAIS RECURSOS
PARA TENTAR ESCAPAR
DA VIOLÊNCIA.

Se você quiser aprofundar seu conhecimento sobre esse tema,
consulte o site www.violenciamulher.org.br

✋ Os homens não são naturalmente violentos. Aprendem a ser. A associação entre masculinidade, guerra, força e poder é uma construção cultural. Da mesma forma, a paz, a emoção e a vocação para cuidar não são qualidades naturais da mulher. Também são aprendidas!

✋ Hoje em dia, muitos homens já descobriram que há várias maneiras de “ser masculino” e que eles também podem ser cuidadores e promotores da paz.

✋ Em vários países foi criada uma campanha de “Homens pelo fim da violência contra a mulher”.

Se você quiser saber quem são e como funciona a campanha,
visite o *site* www.lacobranco.org.br

**VOCÊ JÁ DEVE TER CONHECIDO
ALGUNS HOMENS QUE SE QUEIXAM
DA VIOLÊNCIA DE SUAS PARCEIRAS**

- MAS JÁ OUVIU FALAR DE UM HOMEM...

1. Que vive aterrorizado, temendo os ataques da mulher?
2. Que seja abusado sexualmente por ela?
3. Que tenha se isolado dos familiares e amigos por pressão ou por vergonha da situação que está vivendo?
4. Que tenha perdido a liberdade de ir aonde quer, de trabalhar ou estudar?
5. Que viva assustado por não conseguir proteger os filhos?
6. Que se sinta o tempo todo humilhado e desqualificado, impotente e sem saída?

7. Que viva pisando em ovos para não despertar a ira da mulher?
8. Que seja totalmente dependente dos ganhos da companheira e, portanto, sem nenhuma autonomia?
9. Que tenha perdido a auto-estima e esteja destruído psicologicamente pela parceira?
10. Que tenha medo de deixá-la e que acabe sendo morto por falta de proteção?

Pois é... É fácil perceber que existe uma clara diferença entre o tipo de violência cometida pelos homens e aquela praticada pelas mulheres. Na nossa sociedade, durante séculos, os homens tiveram carta branca para mandar, para controlar e até para punir suas parceiras. Nos dias de hoje, muita coisa mudou. As mulheres já estão protegidas pela lei, mas na prática...

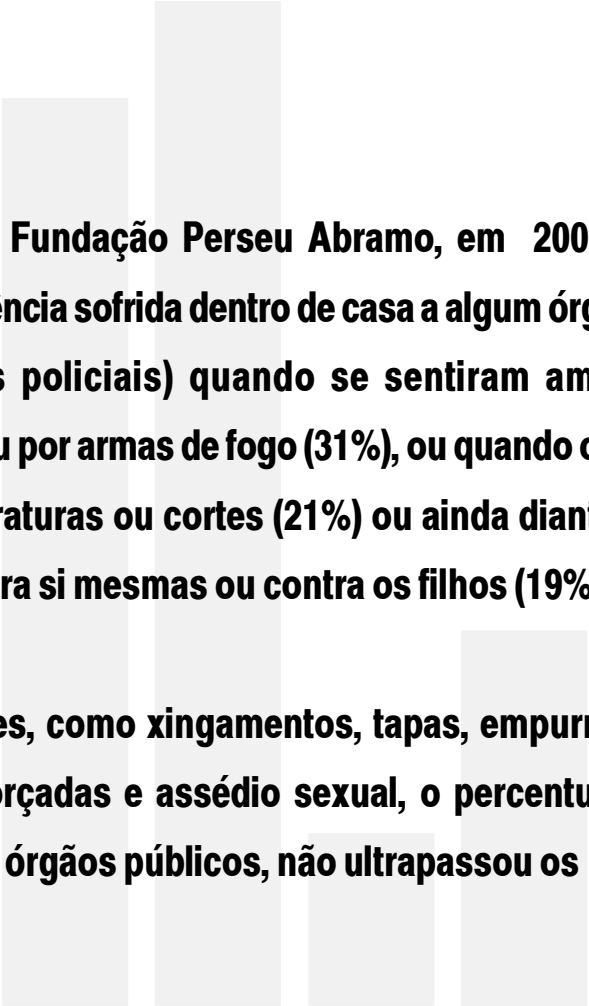
!!!ATENÇÃO!!!

NÃO JULGUE PELAS APARÊNCIAS!

A violência doméstica contra a mulher não se caracteriza somente por aquilo que é visível e que é tipificado no Código Penal. É muito mais do que isso. O hematoma, o arranhão e a ameaça que leva a mulher a pedir a ajuda são muitas vezes apenas a ponta de um iceberg.

Por trás dessas manifestações aparentes pode haver:

- Um risco real e iminente de homicídio;
- Meses, anos ou décadas de abusos físicos, emocionais ou sexuais;
- Um medo profundo que enfraquece e paralisa a vítima;
- Uma longa história que envolve pequenos atos, gestos, sinais e mensagens subliminares, usados, dia após dia, para manter a vítima sob controle.



Segundo dados da Fundação Perseu Abramo, em 2001 as mulheres só denunciaram a violência sofrida dentro de casa a algum órgão público (quase sempre delegacias policiais) quando se sentiram ameaçadas em sua integridade física: ou por armas de fogo (31%), ou quando os espancamentos deixaram marcas, fraturas ou cortes (21%) ou ainda diante de ameaças de espancamento contra si mesmas ou contra os filhos (19%).

Nas outras situações, como xingamentos, tapas, empurrões, quebradeira, relações sexuais forçadas e assédio sexual, o percentual de registro em delegacia ou outros órgãos públicos, não ultrapassou os 10%.

Fundação Perseu Abramo (2001). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. Pesquisa nacional sobre mulheres, realizada pelo Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo, contendo uma amostra de 2.502 entrevistas pessoais e domiciliares, estratificadas em cotas de idade e peso geográfico por natureza e porte do município, segundo dados da Contagem Populacional do IBGE/1996 e do Censo Demográfico de 2000.

2. QUAIS AS MANIFESTAÇÕES DA VIOLÊNCIA CONJUGAL?

A VIOLÊNCIA EMOCIONAL VAI MUITO ALÉM DA AMEAÇA! ELA SE MANIFESTA TAMBÉM POR ATOS COMO

-  INTIMIDAR (FAZER AMEAÇAS SUTIS)
-  DIMINUIR, FAZER A PESSOA SENTIR-SE MAL CONSIÇO MESMA, XINGAR, FAZER A PESSOA PENSAR QUE ESTÁ LOUCA, PROVOCAR CONFUSÃO MENTAL, FAZER A PESSOA SE SENTIR CULPADA;
-  HUMILHAR (DESQUALIFICAR, CRITICAR CONTINUAMENTE, DESVALORIZAR, IRONIZAR PUBLICAMENTE, DESCONSIDERAR A OPINIÃO DA PESSOA ETC)
-  COAGIR, CERCEAR, CONTROLAR OS MOVIMENTOS E PERSEGUIR;
-  USAR OS FILHOS PARA FAZER CHANTAGEM;
-  ISOLAR A VÍTIMA DOS AMIGOS E PARENTES.
-  CONTROLAR, RETER, TIRAR O DINHEIRO DA VÍTIMA;

VIOLÊNCIA FÍSICA NÃO É SÓ BATER! ALÉM DE ESPANCAR, OS(AS) AGRESSORES(AS) PODEM

-  EMPURRAR, ATIRAR OBJETOS, SACUDIR, ESBOFETEAR;
-  ESTRANGLAR, CHUTAR VIOLENTAMENTE, TORCER OS BRAÇOS;
-  QUEIMAR, PERFURAR, MUTILAR E TORTURAR;
-  USAR ARMA BRANCA OU ARMA DE FOGO.

VIOLÊNCIA SEXUAL NÃO É SÓ O ESTUPRO COMETIDO POR UM DESCONHECIDO!

O MARIDO TAMBÉM ESTARÁ PRATICANDO VIOLÊNCIA SE ELE:

-  FORÇAR AS RELAÇÕES SEXUAIS (COM OU SEM VIOLÊNCIA FÍSICA) QUANDO A PESSOA NÃO QUER, QUANDO ESTÁ DORMINDO OU DOENTE;
-  FORÇAR A PRÁTICA DE ATOS QUE CAUSAM DESCONFORTO OU REPULSA;
-  OBRIGAR A MULHER A OLHAR IMAGENS PORNOGRÁFICAS, QUANDO ELA NÃO DESEJA;
-  OBRIGAR A VÍTIMA A FAZER SEXO COM OUTRAS PESSOAS.

CICLO DA VIOLÊNCIA

A violência doméstica segue, muitas vezes, um ciclo composto por três fases:

1º FASE: A CONSTRUÇÃO DA TENSÃO NO RELACIONAMENTO

Nessa fase podem ocorrer incidentes menores, como agressões verbais, crises de ciúmes, ameaças, destruição de objetos etc. Nesse período de duração indefinida, a mulher geralmente tenta acalmar seu agressor, mostrando-se dócil, prestativa, capaz de antecipar cada um de seus caprichos ou buscando sair do seu caminho. Ela acredita que pode fazer algo para impedir que a raiva dele se torne cada vez maior. Sente-se responsável pelos atos do marido ou companheiro e pensa que se fizer as coisas corretamente os incidentes podem terminar. Se ele explode, ela assume a culpa. Ela nega sua própria raiva e tenta se convencer de que "... talvez ele esteja mesmo cansado ou bebendo demais".

2º FASE: A EXPLOSÃO DA VIOLÊNCIA — DESCONTROLE E DESTRUIÇÃO

A segunda fase é marcada por agressões agudas, quando a tensão atinge seu ponto máximo e acontecem os ataques mais graves. A relação se torna inadministrável e tudo se transforma em descontrole e destruição. Algumas vezes a mulher percebe a aproximação da segunda fase e acaba provocando os incidentes violentos, por não suportar mais o medo, a raiva e a ansiedade. A experiência já lhe ensinou, por outro lado, que essa é a fase mais curta e que será seguida pela fase 3, da lua-de-mel.

3º FASE: A LUA-DE-MEL — ARREPENDIMENTO DO(A) AGRESSOR(A)

Terminado o período da violência física, o agressor demonstra remorso e medo de perder a companheira. Ele pode prometer qualquer coisa, implorar por perdão, comprar presentes para a parceira e demonstrar efusivamente sua culpa e sua paixão. Jura que jamais voltará a agir de forma violenta. Ele será novamente o homem por quem um dia ela se apaixonou.

ESSAS SITUAÇÕES TANTO Podem OCORRER da forma como foram descritas aqui, como Podem NUNCA ACONTECER. ESSE É APENAS UM padrão geral que em cada caso vai se manifestar de modo diferenciado. Mas é importante conhecer o ciclo da violência para ajudar as mulheres a identificá-lo, quando for o caso, e a impedir que ele se reproduza.

Por que...?

Por que...?

Por que...?



3. POR QUE AS MULHERES AGÜENTAM TANTO TEMPO UMA RELAÇÃO VIOLENTA?

Talvez você pense: “se elas ficam tanto tempo sendo agredidas; se elas denunciam seus parceiros e depois retiram a queixa; se elas não se separam logo é porque devem gostar disso, não têm caráter, são doentes ou covardes”.

Não é bem assim. Existem muitas razões para uma mulher não conseguir romper com seu parceiro violento, veja algumas dessas razões:

Por que...?

- 1. O MAIOR DE TODOS OS RISCOS É JUSTAMENTE ROMPER A RELAÇÃO**
- 2. PROCURAR AJUDA É VIVIDO COMO VERGONHA E GERA MUITO MEDO**
- 3. SEMPRE RESTA A ESPERANÇA DE QUE O MARIDO MUDE O COMPORTAMENTO**
- 4. A VÍTIMA, MUITAS VEZES, ESTÁ ISOLADA DA SUA REDE DE APOIO**
- 5. NOSSA SOCIEDADE AINDA ESTÁ DESPREPARADA PARA LIDAR COM ESSE TIPO DE VIOLÊNCIA**
- 6. CONCRETAMENTE, HÁ MUITOS OBSTÁCULOS QUE IMPEDEM O ROMPIMENTO**
- 7. ALGUMAS MULHERES DEPENDEM ECONOMICAMENTE DE SEUS PARCEIROS VIOLENTOS**

8. DEIXAR UMA RELAÇÃO VIOLENTA É UM PROCESSO: CADA UM(A) TEM O SEU TEMPO

1. Riscos do rompimento - Talvez você já tenha tido notícia de vários casos de mulheres que são mortas quando estão tentando deixar o agressor. A violência e as ameaças contra a vida da mulher e dos filhos se tornam mais intensas no período da separação. O homem violento percebe que perdeu o controle sobre sua parceira. Exigir que a mulher em situação de violência abandone o agressor, pode ser uma enorme irresponsabilidade, se não pudermos oferecer a ela as condições mínimas de segurança para que possa dar esse passo tão arriscado.

2. Vergonha e medo - Imagine o que significa para uma mulher denunciar seu próprio parceiro! Não é a mesma coisa que apontar um ladrão desconhecido que lhe rouba a bolsa na esquina. Além disso, há o perigo dele se tornar ainda mais violento, por ela o ter denunciado. Ainda considere que a vergonha de ter que reconhecer que seu romance fracassou e seu projeto de ser feliz ao lado da pessoa amada acabou em uma delegacia de polícia.

3. Esperança de que o marido mude o comportamento - Um homem violento faz mais do que pedir perdão, durante a fase de lua-de-mel. Ele pode pedir ajuda e começar a fazer algum tipo de tratamento: entrar para os Alcoólicos Anônimos, procurar um psiquiatra ou uma igreja. Ele pode demonstrar o amor, admitir seus erros e jurar que vai fazer o que estiver ao seu alcance para mudar. Se a mulher ama seu companheiro, ela tenta evitar o fim da relação. Quem irá julgá-la por isso?

4. **Isolamento** - As mulheres em situação de violência perdem seus laços familiares e sociais. Os maridos violentos são muito ciumentos e controlam os movimentos da parceira. Querem saber onde ela foi, com quem falou ao telefone, o que disse, porque usou tal roupa, para quem olhou na rua etc. Em muitos casos, elas acabam restringindo as relações com a família e com os amigos para esconder as dificuldades que estão atravessando. Tomar a violência um fato público, significa encher-se de vergonha e reduzir as esperanças de recompor o casamento.

5. **Negação social** - Quando pedem ajuda, as vítimas de violência se defrontam com pessoas despreparadas e desinformadas sobre o problema que elas estão vivendo. Cada vez que um médico, um psicólogo, um líder religioso, um policial ou um advogado as trata com indiferença, desconfiança ou desprezo, contribuem para aumentar a violência. Quando isso acontece, as vítimas perdem a esperança de encontrar apoio externo e acabam se recolhendo novamente ao seu inferno particular.

6. **Barreiras que impedem o rompimento** - Ao ver que a mulher está disposta a sair da relação violenta, o agressor recorre a todo tipo de chantagem e ameaça: requisita a custódia dos filhos, nega a pensão alimentícia, interfere no trabalho da esposa, difama-a, mata a mulher e os filhos, se mata etc. São muitas as dificuldades e são poucos os recursos disponíveis em nossa sociedade. Essa mulher precisa de apoio e de pessoas dispostas a ajudá-la a ser capaz de vencer as barreiras. Se ao contrário, ela encontra apenas crítica e julgamento, tenderá a desistir de buscar apoio, ficando exposta ao risco e sentindo-se isolada e desamparada.

7. Dependência econômica - Muitas mulheres em situação de abuso não têm capacitação profissional para iniciar uma vida no mercado de trabalho ou para estabelecer novas relações de trabalho em outra cidade ou estado, onde poderiam encontrar as condições ideais de segurança.

8. Deixar a relação é um longo processo - Ao perceber a necessidade de escapar da relação violenta, a mulher tem um longo caminho a seguir: preparar-se afetivamente para o desenlace; preparar-se com segurança para a fuga, preparar-se economicamente. Essas iniciativas podem levar anos, principalmente se a mulher não contar com nenhum apoio. Esse esforço envolve idas e vindas, avanços e recuos, tentativas e desistências, acertos e erros. Não se pode culpar a vítima. Essas oscilações são típicas de quem está em situação de violência. O maior desafio é ajudá-la a encontrar saídas e vencer as dificuldades e hesitações.

Por que...?

Agora você entende porque não nos cabe julgar a vítima e sim procurar entendê-la e ajudá-la a sair dessa situação?

Sem segurança e sem o apoio necessário é muito difícil escapar da violência de alguém que está tão próximo!

4. DEZ MITOS SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

1) “A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA OCORRE MUITO ESPORADICAMENTE”

Segundo pesquisa da Fundação Perseu Abramo (2001)*, uma em cada cinco brasileiras (19%) sofreu algum tipo de violência por parte de algum homem: 16% relatam casos de violência física, 2% de violência psíquica e 1% de assédio sexual. Quando os(as) entrevistadores(as) descrevem as diferentes formas de agressão, 43% das entrevistadas reconhecem ter sofrido algum tipo de violência, 33% experimentaram alguma violência física, 27% violências psíquicas, 11% assédio sexual e 11% também teriam sido espancadas. Na população, isso significa algo em torno de 6,8 milhões de mulheres. Considerando a proporção das que sofreram espancamento no ano anterior à pesquisa, calcula-se que a cada 15 segundos uma mulher é espancada em nosso país.

Veja na página seguinte, a frequência com que ocorrem, segundo a já citada pesquisa da Fundação Perseu Abramo, outras formas de violência contra mulheres no Brasil.

*Fundação Perseu Abramo (2001). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. Referência completa na página 20.

FORMAS DE VIOLÊNCIA	Nº DE AGRESSÕES SOFRIDAS PELAS MULHERES					UMA AGRESSÃO ACONTECE A CADA
	por ano	por mês	por dia	por hora	por min.	
Quebradeira dentro de casa	3.780.036	315.003	10.500	438	7	8 segundos
Ameaça de espancamento	2.433.970	202.831	6.761	282	5	12 segundos
Se trancada em casa, impedida de sair	1.936.116	161.343	5.378	224	4	15 segundos
Ameaças a integridade física com armas de fogo	1.327.622	110.635	3.688	154	3	20 segundos
Tapas e empurrões	4.425.408	368.784	12.293	512	9	7 segundos
Espancamento	2.286.461	190.538	6.351	265	4	15 segundos

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

2) “A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É UM PROBLEMA EXCLUSIVAMENTE FAMILIAR: ROUPA SUJA SE LAVA EM CASA”

Enquanto os poderes públicos e as comunidades continuarem a achar que não podem interferir na violência que acontece dentro de casa, as mulheres continuarão a ser mortas, feridas e ameaçadas. Seus filhos poderão delinquir, apresentar severas seqüelas psicológicas, desenvolver comportamento violento ou fugir de casa para viver nas ruas. A produtividade no trabalho das mulheres vitimadas tenderá a declinar drasticamente e os cofres públicos serão onerados com aposentadorias precoces, licenças, consultas médicas e internações. Esse é um problema de todos nós?

Pesquisa da Organização Mundial de Saúde, aplicada em São Paulo e Pernambuco, mostrou que os filhos de 5 a 12 anos das mulheres agredidas apresentavam diversas seqüelas, como: pesadelos, chupar dedo, urinar na cama, timidez e agressividade. Em São Paulo, essas mães apontaram maior repetência escolar de seus filhos e na Zona da Mata Pernambucana, maiores índices de abandono da escolar [Violência contra a Mulher e Saúde no Brasil (2001). OMS/FMUSP/CFSS/SOS Corpo/

FSPUSP/UFPE.]

3) “A VIOLÊNCIA SÓ ACONTECE ENTRE AS FAMÍLIAS DE BAIXA RENDA E POUCA INSTRUÇÃO”

Basta abrir os jornais para ver a quantidade de mulheres mortas por maridos, ou ex-maridos: médicos, dentistas, jornalistas, empresários etc. Em grande parte desses casos elas vinham sendo freqüentemente espancadas, mas a situação só chega ao conhecimento público quando a violência cresce a ponto de culminar no assassinato da vítima.

4) “AS MULHERES PROVOCAM OU GOSTAM DA VIOLÊNCIA”

Quem vive em situação de violência passa a maior parte do seu tempo tentando evitá-la, protegendo-se e protegendo seus filhos. As mulheres ficam ao lado de seus agressores para preservar a relação, não a violência.

5) “A VIOLÊNCIA SÓ ACONTECE NAS FAMÍLIAS PROBLEMÁTICAS”

As famílias marcadas pela violência aparentam ser “funcionais”. Até hoje os pesquisadores não puderam estabelecer um perfil característico do homem que comete violência. Nenhum fator, isoladamente, mostrou-se capaz de explicar a violência conjugal que parece resultar da integração de fatores como: história pessoal, traços de personalidade, fatores culturais e sociais. Muitos agressores são pessoas bem sucedidas e bem articuladas socialmente. Mostram-se afáveis e cordatos com amigos e colegas, não fazem uso de álcool e de outras drogas e têm a ficha limpa na polícia. Apenas não são denunciados e sua violência passa despercebida.

6) “OS AGRESSORES NÃO SABEM CONTROLAR SUAS EMOÇÕES”

A violência doméstica não é somente uma questão de administração da raiva. Os agressores sabem como se controlar, tanto que não batem no patrão e sim na mulher ou nos filhos. Eles fazem isso porque não há nenhum custo a pagar. A sociedade é indiferente. Faltam recursos para uma ação efetiva das polícias, a justiça é conivente e as tradições religiosas e culturais não impõem nenhum freio eficaz a esse comportamento.

7) “SE A SITUAÇÃO FOSSE REALMENTE TÃO GRAVE, AS VÍTIMAS ABANDONARIAM LOGO SEUS AGRESSORES”

Como vimos, há vários motivos pelos quais as mulheres permanecem ao lado de seus agressores. Um é o risco que correm quando tentam se separar. Nos Estados Unidos da América cerca de 50% das mulheres assassinadas pelo parceiro morrem exatamente quando tentam a separação. O outro motivo são as seqüelas psicológicas da violência doméstica: algumas mulheres desenvolvem a “síndrome do estresse pós-traumático” e se tornam incapazes de reagir para escapar da situação.

8) “É FÁCIL IDENTIFICAR O TIPO DE MULHER QUE APANHA”

Qualquer mulher pode se encontrar, em algum momento de sua vida, em situação de violência doméstica. Seja ela: branca ou negra, pobre ou rica; heterossexual ou homossexual, jovem ou idosa. O problema não está na mulher que apanha, mas na pessoa que bate e no ambiente gerador de violência. Criar estereótipos sobre as mulheres espancadas é mais uma forma sorrateira de jogar a culpa sobre a vítima e não ajuda em nada a entender e a prevenir a violência.

9) “A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA VEM DE PROBLEMAS COM O ÁLCOOL, DROGAS OU DOENÇAS MENTAIS”

Há casos em que a violência doméstica está associada ao abuso de álcool e drogas ou a problemas psíquicos. Mas, isso não significa que ela seja causada pela dependência química, por neuroses e psicoses específicas, nem que estes fatores estejam sempre presentes. Muitos homens agredem suas mulheres sem apresentar quaisquer desses problemas. A violência doméstica é um fenômeno tão generalizado que não basta procurar suas origens nas perturbações individuais. É preciso que nos perguntemos por que esse fenômeno encontra um terreno tão favorável para se manifestar e por que encontra tão pouca resistência para continuar a se reproduzir?

10) “PARA ACABAR COM A VIOLÊNCIA BASTA PROTEGER AS VÍTIMAS E PUNIR OS AGRESSORES”

O primordial é oferecer proteção para as mulheres em situação de violência. Porém, para superar o problema é necessário também transformar o comportamento dos autores, pois a mera punição os tornará ainda mais violentos. A não ser que acreditemos que os autores de violência são todos criminosos irrecuperáveis, vale à pena investir em seu potencial de transformação e apostar na sua capacidade de mudança. Se não encararmos o desafio de transformar os comportamentos violentos e, com isso, buscar a construção da paz, estaremos aprisionando nossos discursos e nossas práticas na órbita da violência.

5. ORIGENS DA VIOLÊNCIA

Segundo a Organização Mundial de Saúde,

“... não há um fator único que explique porque algumas pessoas se comportam de forma violenta em relação a outras, ou porque a violência ocorre mais em algumas comunidades do que em outras. A violência é o resultado da complexa interação de fatores individuais, de relacionamento, sociais, culturais e ambientais. Entender como esses fatores estão relacionados à violência é um dos passos importantes na abordagem de saúde pública para evitar a violência”. (*Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra, OMS, 2002)

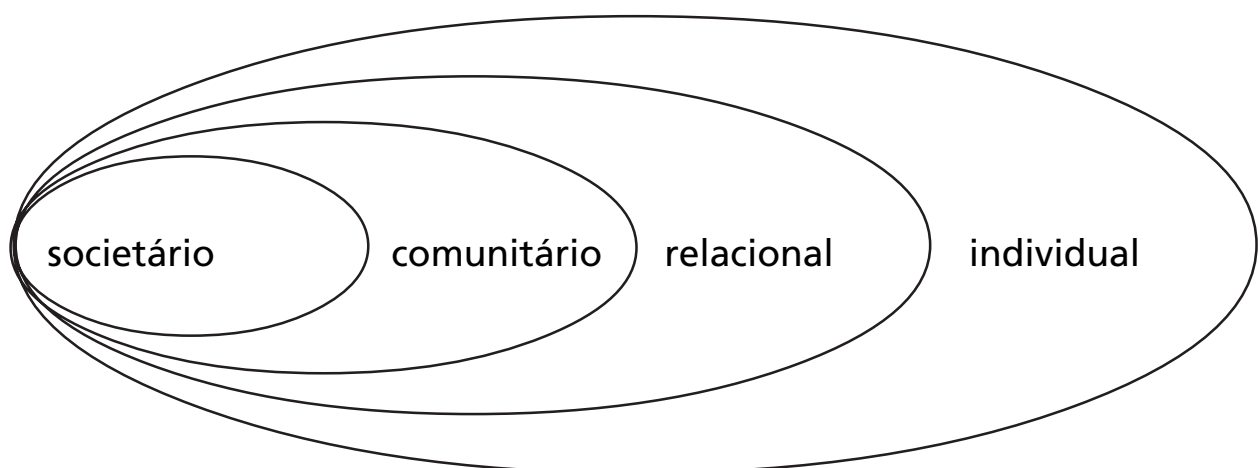
Considerando-se a interação desses fatores, desenvolveu-se
um modelo para compreender a violência : O MODELO ECOLÓGICO

Observe que, segundo esse modelo, a violência estaria relacionada à interação de quatro planos: o individual, o relacional, o comunitário e o social. Cada um desses planos engloba o anterior, tanto para reforçar, quanto para prevenir os elementos de risco. Por exemplo: fatores históricos, biológicos, pessoais, como a impulsividade, abusos sofridos na infância ou o uso abusivo de substâncias químicas (plano individual), podem ou não favorecer a violência, dependendo da qualidade das relações familiares e de amizade: o tipo de suporte dado pela família e pela rede de relações próximas faz toda a diferença (plano relacional). Da mesma forma, a natureza dos vínculos que ligam uma pessoa ao seu entorno – vizinhos, ambiente de trabalho, amigos, grupo de igreja ou associações (plano comunitário) pode abrir ou fechar as portas para a violência. Pode ser que a violência não encontre meios de se manifestar, se a pessoa faz parte de uma rede sólida e estável e solidária. Por outro lado, ela pode ser estimulada, se a pessoa

vive em ambiente muito heterogêneo, em constante mudança ou atravessado por problemas como a criminalidade, altas taxas de desemprego e desordem urbana. A mesma coisa no plano social: se as leis, as normas informais e os sistemas institucionais são negligentes e tolerantes em relação à violência, ela ganha terreno. Já em uma sociedade, cujas normas estabelecem freios nítidos à violência, as agressões deixam de ser um comportamento naturalizado.

Esse é apenas um modelo para ajudar a compreender melhor as raízes da violência. Não é uma regra nem uma profecia. É perfeitamente possível que alguém viva sob condições de risco em todos esses planos e jamais apresente comportamento violento. O modelo ecológico, representado pela imagem abaixo, ajuda a perceber melhor a interação dos diversos planos em que a violência floresce e evita a tentação de buscarmos respostas simplistas e unidimensionais para o problema.

MODELO ECOLÓGICO DA VIOLÊNCIA



6. É POSSÍVEL ANTECIPAR SINAIS DA VIOLÊNCIA?

NADA ACONTECE COMO EM UMA RECEITA DE BOLO, POIS CADA PESSOA É COMPLETAMENTE DIFERENTE DA OUTRA E CADA HISTÓRIA É PESSOAL E INTRANSFERÍVEL. PORÉM, EXISTEM ALGUNS SINAIS QUE AJUDAM A IDENTIFICAR ANTECIPADAMENTE AS CHANCES DE UMA RELAÇÃO SE TORNAR VIOLENTA.

- 1) O primeiro sinal de perigo é o **comportamento controlador**. Sob o pretexto de proteger ou oferecer segurança, a pessoa potencialmente violenta passa a monitorar os passos da vítima e a controlar suas decisões, seus atos e relações.
- 2) O **rápido envolvimento amoroso** pode também sinalizar perigo. Em pouco tempo a relação se torna tão intensa, tão insubstituível, que a futura vítima se sente culpada por tentar diminuir o ritmo do envolvimento. Nas palavras do(a) agressor(a) "a futura vítima é a única pessoa que pode entendê-lo(a)! Ele(a) nunca amou ninguém daquela forma e estará destruído(a) se ela(e) o(a) abandonar...".
- 3) A pessoa tipicamente violenta, geralmente, desenvolve **expectativas irrealistas com relação à parceira**. Espera que ela preencha todas as suas necessidades, exigindo que a mulher seja perfeita como mãe, esposa, amante e amiga. Acaba por colocá-la em posição de isolamento, criticando e acusando amigos e familiares e procurando impedir, das mais variadas formas, que ela circule livremente, trabalhe ou estude.

4) O homem ou mulher violento(a), por outro lado, revela uma **hipersensibilidade**, mostrando-se facilmente insultado(a), ferido(a) em seus sentimentos ou enfurecido(a) com o que considera injustiças contra si.

5) O(a) autor(a) de violência também pode revelar **crueidade com animais e crianças**, e gostar de desempenhar papéis violentos na relação sexual, fantasiando estupros, desconsiderando o desejo da parceira ou exigindo disponibilidade sexual em ocasiões impróprias.

6) O **abuso verbal** é também um sinal que pode preceder a violência física. O(a) agressor(a) poderá ser cruel, depreciativo, grosseiro. Tentará convencer sua parceira de que ela é estúpida, inútil e incapaz de fazer qualquer coisa sem ele(a).

7) Se houver **outros abusos no passado**, ele(a) tentará negar, responsabilizando suas vítimas anteriores.

Esses sinais não devem servir para condenar ninguém, mas exigem que fiquemos atentos: eles podem indicar que o caminho para a violência está sendo pavimentado.

7. COMO CONSTRUIR UM PLANO DE PROTEÇÃO?

Quando você perceber que uma mulher está em risco, procure traçar junto com ela uma estratégia de segurança, que seja realista e adequada às circunstâncias. Você pode, por exemplo, usar os quadros que se seguem como ponto de partida, mas a participação dela é essencial para a formulação de um plano eficiente.

NA HORA DO ATAQUE...

✋ Evite locais como cozinha e banheiro, onde há facas, objetos perigosos, superfícies cortantes e espaço reduzido.

✋ Evite locais onde haja armas. Nunca tente usar armas para ameaçar o agressor. Elas podem facilmente se voltar contra você.

✋ Se a violência for inevitável, defina uma meta de ação: corra para um canto e agache-se com o rosto protegido e os braços em volta de cada lado da cabeça, com os dedos entrelaçados.

✋ Não corra para o local onde as crianças estejam. Elas podem acabar sendo também agredidas.

 Evite fugir sem as crianças. Elas poderão ser usadas como objeto de chantagem.

 Ensine às crianças a pedir ajuda e a se afastar do local, quando houver violência. Planeje com elas um código qualquer para avisar que está na hora de buscar socorro ou abandonar a casa.

DEPOIS DO ATAQUE...

 Guarde sempre com você os números de telefone de socorro. Se você tem telefone, procure mantê-lo ao alcance da mão. Se não tem, localize o telefone público mais próximo.

 Procure uma delegacia da mulher, um centro de atendimento ou alguma pessoa ou instituição em que você confie.

 Verifique se há locais seguros perto de sua casa, onde você pode ficar até conseguir ajuda: igreja, comércio, escola etc.

 Se você estiver ferida, procure um hospital ou um posto de atendimento e revele o que aconteceu. Se você esconder que foi vítima de violência, ninguém vai poder ajudá-la.

👉 Separe um pacote de roupas e objetos de primeira necessidade seus e das crianças. Guarde com vizinhos ou amigos, para pegá-lo no caso de ter que abandonar a casa.

👉 Guarde cópias de documentos importantes em local seguro: certidões de nascimento e casamento, identidade, carteira profissional, listas de telefones, documentos escolares etc.

👉 Tente guardar por escrito, com as datas e horários, todos os episódios de violência física, psicológica ou sexual que você esteja sofrendo. Isso pode ser muito útil se você quiser ajuda da polícia e da justiça.

👉 Conte sua situação para pessoas em quem você confia, como: amigos e vizinhos. Planeje com elas um esquema de proteção e combine algumas formas de sinalizar que você está em perigo.

👉 Se você tiver carro, mantenha cópias das chaves do carro em um local seguro e acessível. Habitue-se a deixá-lo abastecido e na posição de saída, de forma a evitar manobras.

8. COMO APRIMORAR O

EIS ALGUMAS DICAS QUE PODEM AJUDÁ-LO(A) A REALIZAR UMA ACOLHIDA PROFISSIONAL E SOLIDÁRIA

- PROCURE ESTABELECEER UMA RELAÇÃO DE CONFIANÇA COM A VÍTIMA.
- PROCURE NÃO JULGAR A PESSOA QUE VOCÊ ESTÁ ATENDENDO. Todos nós TEMOS LIMITES ENORMES AOS OLHOS DOS OUTROS. O julgamento é o maior obstáculo à comunicação.
- NÃO infantilize a vítima! Ela já foi infantilizada demais pelo agressor.
- NÃO pressuponha! PROCURE ouvir e compreender! Cada história é única e singular, mesmo que, para você, pareça igual à anterior.
- NÃO tente adivinhar! ESCUTE!
- CUIDADO COM AS INFORMAÇÕES INCORRETAS! NUNCA faça falsas promessas.
- RESPEITE AS limitações da vítima.
- TENTE, de várias formas, passar para a vítima que você pode compreender o que ela está vivendo.

ATENDIMENTO ÀS VÍTIMAS?

CUIDADO!

PARA QUE SEU TRABALHO NÃO TENHA O RESULTADO OPOSTO AO DESEJADO,
TENTE EVITAR AS SEGUINTE ARMADILHAS

Paternalizar. Querer solucionar os problemas pela vítima, ao invés de ajudá-la a encontrar suas próprias soluções.

Infantilizar. Tratá-la como uma criança, exagerando nos diminutivos, pedindo para ela dar “aquele sorriso”, ou repetindo as explicações em tom excessivamente didático, em voz alta e pausada. Uma forma típica de infantilização é a desconfiança. O(a) profissional supõe que a história narrada contém inverdades ou exageros, e começa, sutilmente, a desautorizar a versão da vítima.

Culpabilizar. Expressa a impaciência do(a) profissional com as dificuldades alheias e sua necessidade de produzir julgamentos: ele ou ela acaba reproduzindo a atitude crítica do agressor e solapando os esforços de quem tenta se desvencilhar da situação de violência. Fazer perguntas inquisitórias é o modo mais comum e insidioso de culpar as mulheres agredidas: perguntar à vítima por que o marido a espancou, que roupas ela vestia quando foi estuprada, se ela tentou fazer alguma coisa para ajudar o companheiro que a agride constantemente, porque ela não saiu de casa imediatamente, porque não trabalha etc.

A incapacidade de escutar. A escuta, como vimos, é uma das ferramentas mais importantes para quem trabalha no atendimento a mulheres e homens em situação de violência. Não basta escutar mecanicamente. É preciso transmitir a(o) interlocutor(a), através de uma escuta ativa e solidária, a certeza de que está sendo, de fato ouvido(a) em sua singularidade e de que é possível construir, no momento da interlocução, uma relação de confiança mútua. A dificuldade de ouvir leva o(a) profissional a pressupor fatos e situações. Com isso, ele(a) produz generalizações despersonalizantes e destrói os laços de confiança que a vítima tenta encontrar.

Generalizar histórias individuais. É muito comum profissionais se mostrarem desgastados com a aparente repetição dos casos que lhes chegam às mãos diariamente. As histórias se parecem e, ao fim do dia, torna-se difícil distinguir uma da outra. O resultado pode ser o atendimento despersonalizado das mulheres agredidas, que passam a ser vistas como meras ilustrações de uma mesma história, cujo roteiro já é previamente conhecido. É fundamental, portanto, renovar permanentemente a disposição e os conhecimentos da equipe, através de reuniões periódicas, cursos, seminários, leituras etc. e alternar as funções que não exijam especialização.

Reforçar a vitimização. Algumas mulheres poderão buscar no serviço de atendimento, um espaço para despejar continuamente suas angústias e insatisfações, ao invés de uma fonte de apoio para realizar mudanças e sair da situação em que se encontram. Nesse caso, estariam usando a escuta

profissional como justificativa para permanecer na posição de vítimas e não para superá-la. É uma reação possível das mulheres em situação de violência. Cabe a(o) profissional, evitar a armadilha de alimentar a auto-comiseração, e ajudá-las a vencer essa atitude paralisante.

Envolver-se em excesso. O desafio é ser solidário(a) e capaz de demonstrar afetividade, sem envolver-se demasiadamente no sofrimento alheio. Quem procura ajuda espera encontrar no(a) interlocutor(a) exatamente a força e a segurança que lhe falta. Se o(a) profissional se choca, se assusta ou se abala demais em face dos episódios narrados ou do aspecto físico das vítimas, ele(a) transmite, pela fragilidade demonstrada, uma falta de profissionalismo que deixa as vítimas ainda mais inseguras e desamparadas.

Distanciar-se em excesso. Para defender-se do excesso de envolvimento, o(a) profissional pode acabar assumindo uma postura puramente técnica, fria, esvaziada dos sentimentos que estão na base da identificação e da solidariedade. É natural que, em algum momento, o(a)s profissionais se comovam e chorem junto com as vítimas. Não há nenhum pecado nisso. O choro pode ser visto, inclusive, como uma expressão sincera de profundo comprometimento e vontade de ajudar. O importante é não se deixar fragilizar a ponto de perder a atitude profissional e a capacidade de transmitir segurança.

Emitir duplas mensagens. É comum que os profissionais alimentem sentimentos ambíguos em relação à situação vivida pela vítima e acabem expressando essa ambigüidade através de mensagens truncadas ou contraditórias que confundem as mulheres e lhes embaralham também os sentimentos e a capacidade de agir. Da mesma forma, é preciso estar atento(a) aos gestos e sinais que podem contradizer o sentido que as palavras pretendem expressar. Um tom de voz evasivo, uma entonação ríspida, um olhar desconcentrado ou uma postura corporal displicente podem revelar a indiferença, a crítica e a irritação que as palavras tentam esconder.

A ansiedade. Há ainda o(a)s profissionais que não conseguem esperar o tempo natural do processo de cada mulher. Sentem-se impotentes se sua intervenção não produz efeitos imediatos e acabam pressionando as vítimas, levando-as a tomar atitudes para as quais ainda não estão preparadas.

Transmissão de falsas expectativas. É preciso evitar a tentação de querer consolar a vítima com falsas promessas. Elas precisam saber, com base em informações realistas, as implicações, os riscos e as possibilidades reais de cada gesto. Enganá-las é mais uma forma de infantilizá-las e despotencializá-las.

“Escuta Ativa”

Muitas vezes, uma mulher em situação de violência se sente especialmente amedrontada e envergonhada por não conseguir se fazer ouvir e respeitar por seu agressor. Quando pede ajuda, ela quer também ser escutada. A escuta do(a) profissional não pode, portanto, ser uma reação meramente passiva. Ao contrário, uma boa escuta é uma demonstração ativa de que a pessoa que fala está, de fato, sendo ouvida.

Escuta ativa não é aconselhamento nem terapia. É uma maneira solidária de administrar o diálogo, de forma a ajudar a pessoa escutada a restaurar um laço de confiança, na medida em que se sinta compreendida e respeitada. Segundo o modelo da escuta ativa, que pode ser adotada em relações face-a-face ou por telefone, a postura de quem ouve é tão ou mais importante do que aquilo que se diz para a pessoa atendida. Para que os profissionais ou voluntários sejam capazes de incorporar as técnicas da escuta ativa, é necessário um treinamento específico, baseado em simulações. Porém, apenas para que se tenha uma idéia de como funciona, estão listadas abaixo algumas sugestões que ajudam a orientar o(a)s atendentes durante o contato com as vítimas.



PROCURE UTILIZAR OS SEGUINTE RECURSOS BÁSICOS DE ATENDIMENTO*

A) Clarear / Parafrasear – Ajuda a fixar o que a pessoa está dizendo e a convergir sua atenção para ela. Também ajuda a focalizar as questões mais importantes que ela está compartilhando com você. Pode começar com...

"Se eu estou entendendo bem você, você está dizendo que...";
"...o que estou ouvindo é...";
"... não sei se eu entendi bem...",
ou frases similares.



Dessa forma, você sinaliza para a pessoa escutada que você está interessad(o)a em entender corretamente o que ela está dizendo e permite que ela corrija seus possíveis erros de compreensão ou interpretação. Embora não se deva abusar dessa "tática", ela é essencial para transmitir sua disposição positiva para o entendimento e assegurar à outra pessoa que a versão que ela quer lhe transmitir será preservada na íntegra.

B) Refletir o conteúdo – Refrasear o que a pessoa está dizendo para você. Mostra que você está ouvindo e é um convite para que ele/ela fale.

"Então você saiu da casa depois da última briga..";
"...parece que as agressões pioram quando ele bebe...".

* Essas idéias foram adaptadas do texto de Kat Armstrong utilizado no treinamento das voluntárias do abrigo para mulheres vítimas de violência (Shelter for Help in Emergency – SHE), em Charlottesville, Virgínia, nos Estados Unidos (ver Soares, Bárbara. *Mulheres Invisíveis: violência conjugal e novas políticas de segurança*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999).

É importante lembrar que muitas mulheres quando buscam ajuda estão confusas e desorientadas, ainda vivendo sob a pressão dos acontecimentos. Muitas vezes, será necessário que você as ajude a organizar a narrativa. Elas podem se perder, podem tornar-se repetitivas, podem interromper a fala com soluços ou transmitir informações e emoções contraditórias. Não se assuste, nem tente reprová-las por isso. A confusão faz parte do cenário. É um dos “sintomas” da violência doméstica. O que você pode fazer é ajudá-la a recuperar o eixo, a calma e o bom-senso, através da sua postura afirmativamente compreensiva, embora não indulgente. Retomar o ponto de onde a narrativa se dispersou é uma forma de reconduzir a comunicação a bom termo e de ajudar a pessoa a situar-se novamente.

C) Refletir os sentimentos – Tentar pinçar os sentimentos (explícitos ou implícitos) por trás dos fatos. Algumas vezes os sentimentos são óbvios, outras vezes não. Não fique obcecado(a) por refletir todos os sentimentos – isso requer prática.

“Você está realmente assustada com essas ameaças”;

“...parece que você se sente segura quando está no trabalho”;

“...você fica frustrada, às vezes, com a dificuldade de encontrar uma saída”.

O que se quer aqui é, mais uma vez, reforçar os elos de comunicação e transmitir a sensação de que a pessoa está sendo compreendida, tanto do ponto de vista da narrativa que ela está tecendo, quanto da perspectiva dos sentimentos que a experiência de vitimização mobilizou. O que se busca é contrabalançar a sensação de solidão, isolamento e desesperança das vítimas. Reconhecer os sentimentos alheios é um sinal forte, para a vítima, de que é possível restaurar algumas formas de comunicação e que pode valer a pena seguir em frente e confiar em quem está na escuta, mesmo que seja um(a) desconhecido(a).

D) Resumir – Repetir resumidamente para a pessoa os maiores blocos de informação pode ser útil para colocar os eventos na ordem própria. Ajuda você a memorizar a história, evita eventuais dispersões (suas e de quem conta a história) e reafirma sua disposição para a escuta.

E) Utilizar e reconhecer na outra pessoa, os recursos não verbais* – Eles expressam, muitas vezes, sentimentos não explicitados. Contato visual, postura corporal, lágrimas, tom de voz, inquietação etc. são também formas de comunicação. É importante prestar atenção nesse aspecto durante a conversa, mas é preciso estar atento(a) para as diferenças culturais. Não pressuponha! Não tire conclusões precipitadas! Pergunte!

F) Perguntar (de forma aberta, fechada ou indireta) – As perguntas ajudam a deslançar o processo de comunicação. Algumas mulheres podem se tornar lacônicas e reticentes ou, quando o tema é extremamente doloroso, simplesmente incapazes de continuar a falar. Fazer perguntas pode ser um bom recurso para libertá-las do bloqueio e permitir que, por outros canais, a conversa volte a fluir.

Pergunta aberta: Geralmente começa com “o quê” ou “como”. Permite que a pessoa atendida dê repostas mais amplas e dê a direção do conteúdo da conversa.

“Como é que foi isso para você?”;

“Você pode me falar mais um pouco sobre...”;

“Como é que você enfrentou isso?”.

Tente evitar o “por quê?”

*Esse item também se aplica ao atendimento telefônico, se considerarmos os vários sinais não verbais da comunicação telefônica, como a entonação da voz, as pausas, os silêncios, os suspiros etc.

Essa pergunta pode soar inquisitorial e costuma colocar as pessoas na defensiva.

Pergunta fechada: Refere-se a uma informação específica. Nesse momento **você** é que está estabelecendo os limites. Geralmente essas perguntas requerem uma resposta do tipo sim/não. Podem ser úteis, em certas ocasiões, mas não devem ser usadas demais.

“Quantos filhos você tem?”;

“Você já deixou seu marido alguma vez antes?” etc..

Pergunta indireta: É como perguntar sem perguntar.

“Eu estou aqui pensando se você estaria realmente segura aí...”;

“Eu estou imaginando que talvez você não se sinta à vontade para falar sobre isso agora...”;

“Você parece estar se sentindo mais forte hoje”.

A pergunta indireta dá a chance à pessoa de responder ou não e ajuda-a a não se sentir bombardeada por perguntas.

Esses tipos de perguntas podem ser usados de forma combinada.

“Você já deixou seu marido antes? (fechada).

O que fez com que você o deixasse agora? (aberta).

Eu imagino que deve ser muito assustadora essa situação para você (indireta).



9. IMAGINA SE FOSSE COM VOCÊ:

JÁ PENSOU NISSO?

Normalmente, a violência não acontece da noite para o dia. Ela vai se desenvolvendo aos poucos: de forma sutil e sorrateira. Pode começar com uma pequena grosseria, um grito ou um objeto quebrado pelo parceiro. **Você se separaria por isso?** Mais tarde, um empurrão, um soco na mesa, uma ofensa maior. **Já caberia pensar em divórcio?** Jogar tudo fora na primeira dificuldade? Não vale tentar “resolver o problema”?

Adiante, meses ou anos depois, podem acontecer novas cenas de violência: um tapa, um soco, palavras realmente ofensivas. Porém, em seguida vêm desculpas e o arrependimento sincero. Muito carinho e a revivência do amor que ligou o casal. **Será o momento de denunciá-lo a Polícia?** Desistir do casamento e mandar para a cadeia o homem que ainda provoca amor, desejo, fantasias para o futuro e sonhos de felicidade? Não será o caso de dar ao agressor uma outra chance?

Depois de um longo período de harmonia e enlevo mútuo, acontece, então, um novo episódio. Uma discussão exaltada – comum em qualquer casamento – mas que termina, nesse caso, com um objeto atirado no rosto da mulher. Dessa vez, a agressão deixa marcas: um olho roxo e muitas escoriações.

O que fazer? Chamar a polícia e expor-se à desmoralização pública ou tentar resolver sozinha esse problema que, afinal, "é assunto de família"? Por outro lado, como romper o casamento, justo agora, quando já existem filhos, tantos compromissos e projetos compartilhados? O melhor, talvez, seja deixar as coisas se acalmarem, não comentar com ninguém o ocorrido e dizer a todos que o olho roxo foi provocado por uma batida involuntária na quina do armário. Casamento é um trabalho a dois. É preciso paciência, compreensão e capacidade de ceder. Se ele jura arrependimento e promete jamais repetir as agressões, como não tentar superar mais essa crise?

A próxima etapa se revela uma verdadeira lua-de-mel: presentes, carinhos e juras de amor eterno. Ele nunca abandonará a parceira. Prefere morrer a deixá-la partir. Ela é a mulher mais maravilhosa que ele poderia ter encontrado e ele não sabe mais como viver sem ela. Ela cede. Resolve esperar e ver como as coisas evoluem. Depois de tantas demonstrações de amor e arrependimento, ela se sente fortalecida e valorizada. Ele se mostra frágil e demandante de atenção. Aos poucos, as cobranças aumentam e a demanda toma forma de controle. Quem era ao telefone?

Por que ela quer sair novamente? Em que gastou o dinheiro? As cobranças se intensificam e o nível da tensão se eleva. Ela tenta evitar que ele se irrite. Pisa em ovos. Ele certamente está vivendo alguma dificuldade no trabalho e ela se sente responsável por preservar a paz e a harmonia doméstica. Mantém as crianças sob vigilância para não incomodá-lo. Mesmo assim, depois de nova discussão, ele a sacode violentamente e quebra um objeto de estimação da filha mais velha.

O que fazer? Será que o mais correto é deixá-lo agora? Para onde ir, com as malas e as crianças? E se ele vier atrás como prometeu? E se tentar se matar, como já sugeriu num momento de exaltação? Como fazer para se sustentar e manter a prole? E se ele requerer a guarda dos(as) filhos(as) alegando estar em melhor situação econômica? E o que vão dizer a família e os amigos, que o consideram incapaz de cometer qualquer violência? Como comprovar as agressões?

Para quem não conhece a situação, esse é apenas o começo de um caminho tortuoso, cheio de idas e vindas, dúvidas e hesitações. O processo de desenlace pode durar meses ou anos, dependendo do grau de envolvimento emocional, dos riscos a serem enfrentados e, sobretudo, do apoio recebido dos familiares, amigos e profissionais com quem a mulher em situação de violência entrar em contato.

**Seu papel, portanto, é fundamental,
qualquer que seja a sua função!**

**A partir do momento que lhe pedem ajuda,
você tem uma vida nas mãos
e seu apoio pode fazer toda a diferença!**

10. É POSSÍVEL MEDIR A GRAVIDADE DO RISCO?

O quadro a seguir contém exemplos que podem ajudar a avaliar, junto com a vítima, o nível de risco que ela está correndo. Não é um teste infalível, por isso confie também no seu bom senso e no dela.

O modelo é baseado em situações descritas por mulheres que já estão em situação de violência e, por isso, não considera a possibilidade de baixo risco ou risco zero.

PERGUNTA	MÉDIO RISCO	ALTO RISCO	RISCO EXTREMO
1. O agressor tem faca ou arma? Ele já usou contra você ou contra outros?	- Não	- Ele tem uma velha arma, mas nunca me ameaçou com ela.	- Ele me ameaçou com uma arma. - Ele foi preso, uma vez, por atacar alguém.
2. O agressor já foi preso? Ele tem medo da polícia ou da justiça?	- Nunca foi preso. Tem medo de ser preso.	- A polícia já veio aqui uma vez, mas não fez nada.	- Ele já foi preso outras vezes por agressão. A polícia o deixa mais agressivo. - Uma vez ele me atacou na frente do juiz.
3. O agressor tentou controlar sua vida de outras formas como, por exemplo, isolando você de sua família ou de seus amigos?	- Não. Nós temos, cada um, nossa própria vida	- Ele sempre nota se eu chego mais tarde e é muito ciumento. - Ele não gosta que meus amigos venham aqui.	- Desde que nos mudamos para longe da minha família ele se tornou meu "carcereiro". - Ele fica doente de ciúme e imagina coisas absurdas. - Ele fica anotando a quilometragem do meu carro.

PERGUNTA	MÉDIO RISCO	ALTO RISCO	RISCO EXTREMO
4. O agressor machucou seus filhos? (isso só indica risco para as crianças, não para as mulheres. Alguns agressores são violentos com a mulher, sem jamais tocar nas crianças)	- Ele nunca levantou a mão para as crianças.	- Ele nunca chegou até esse ponto, mas eu percebo que está chegando lá.- Ele começou a ameaçar e machucou seriamente o cachorro, uma vez. - Estou começando a ficar preocupada pelas crianças.	- Ele força minha filha a deixar que ele toque nela. - Ele ameaça machucar as crianças se eu tentar abandoná-lo. - Ele bate em todos nós.
5. Ele ameaçou você, caso tentasse deixá-lo?	- Ele nunca fez ameaças. Na verdade, ele uma vez me trancou do lado de fora e me disse para deixá-lo.	- Ele disse que ficaria transtornado se eu algum dia o deixasse. Eu não entendi bem o que ele quis dizer.	- Ele disse que eu nunca conseguiria me esconder dele, porque ele me rastreadaria onde eu fosse. Eu realmente acredito que ele faça isso.
6. Você já tentou deixá-lo? O que aconteceu?	- Ele parece não ligar. Acho que, na verdade, ele ficaria contente.	- Eu fui para a casa da minha mãe. Ele ficou ligando e implorando por mais uma chance. - Ele veio ao meu apartamento e rasgou algumas das minhas roupas	- Ele veio atrás de mim e me bateu como nunca. - Ele agrediu a pessoa na casa de quem eu estava. Não sei como ele me achou.
7. O agressor tem algum recurso especial que o ajude a encontrar você, se o abandonar?	- Não que eu saiba. Eu não acho que ele iria me importunar	- Ele tem um amigo que é policial. Eu não sei se ele já falou sobre mim. - Nossa cidade é pequena. Todo mundo sabe da nossa vida.	- Ele é policial, ocupa altas funções e tem ligações no governo. - Ele é meu cafetão e ligado ao crime organizado. - Eu estou em situação ilegal e ele disse que vai me entregar à polícia.

PERGUNTA	MÉDIO RISCO	ALTO RISCO	RISCO EXTREMO
8. O agressor conhece sua rotina?	- Eu só tive um encontro com ele. Ele não sabe onde trabalho nem onde fica a escola dos meus filhos.	- Ele sabe onde trabalho, mas eu pedi uma transferência.	- Nós vivemos juntos por 15 anos. Ele sabe tudo que precisa saber sobre mim. Eu sou cega e ele conhece todos os locais que os cegos freqüentam.
9. O agressor pediu para praticar atos sexuais de que você não gosta?	- Ele insiste para transar e pode ter um "piti" se eu digo não, mas nunca me forçou.	- Ele se transforma quando está transando. Ele se torna super agressivo e violento.	- Ele está sempre procurando filmes e revistas pornográficas. - Ele fica muito violento quando transa. Quase me estupra. Ele me faz transar em frente de outras pessoas.
10. O agressor bebe ou usa drogas?	- Ele não bebe muito.	- Ele costuma beber, como uma desculpa para me bater. Ele diz que não sabia o que estava fazendo.	- Ele é viciado em cocaína e está ficando paranóico com isso. Ele faz qualquer coisa para ficar "legal". Ele vende tudo o que tiver.
11. O agressor parece suicida? (muitos suicidas não são violentos, mas agressores suicidas algumas vezes matam outros membros da família antes de se matarem).	- Ele nunca mencionou isso.	- Ele disse que não pode viver sem mim e que ele se mata, se eu for embora.	- Ele fala sobre suicidar-se com todos os detalhes, mas diz que não vai sozinho. Uma vez ele fez roleta russa e me forçou a fazer também.
12. O agressor parece maluco, algumas vezes? (pessoas doentes não têm mais probabilidade do que as ditas normais de serem violentas. Entretanto, pessoas violentas que perdem seu senso de consequência podem se tornar muito perigosas)	- Ele é normal, se é que se pode chamar alguém que bate na família de normal.	- Ele realmente está mudando. Está ficando mais calado, faltando ao trabalho e ficando obcecado em me controlar.	- Ele está completamente pirado. Ele mesmo diz que precisa ser contido.

PALAVRAS FINAIS

Você deve ter percebido que esta publicação não teve a pretensão de lhe “ensinar como fazer”, mas apenas de colocar à sua disposição um conjunto de idéias e de informações que podem servir de ferramentas adicionais ao seu trabalho. Esperamos que você as tenha achado úteis e que elas tenham servido para enriquecer o seu olhar sobre as mulheres e homens que vivem em situações de violência, como autores(as) e como vítimas.

O importante é não esquecer que nossa missão não é solucionar o problema das mulheres que sofrem violência, mas sim facilitar o acesso aos meios para que elas encontrem suas próprias soluções. Isso não diminui a importância da sua atuação: Pelo contrário!

Aceitar os limites ajuda a entender melhor a importância de uma escuta de qualidade, evita a frustração e nos permite ver a enorme diferença que pequenos gestos podem produzir. Mesmo dentro desses limites, seu trabalho pode ajudar a transformar e a salvar muitas vidas!



Secretaria Especial de
Políticas para as Mulheres



“Enfrentando a Violência contra a Mulher” foi elaborado para utilização pela Rede de Atendimento às mulheres em situação de violência e aponta formas práticas e humanizadas de tratamento para as usuárias desses serviços.

Seu conteúdo foi construído a partir da vivência e do relato de profissionais e voluntários(as) de diferentes instituições que atuam no enfrentamento à violência de gênero e doméstica, cuja experiência acumulada levou a uma importante reflexão geradora de procedimentos e práticas unificadoras de atendimento nos serviços para mulheres em situação de violência.

Enfrentando a Violência contra a Mulher contém, também, informações significativas sobre as formas de violência doméstica, as agressões intrafamiliares, a composição do ciclo da violência e sugestões de segurança para a mulher em risco, entre outras ferramentas fundamentais para o trabalho cotidiano daqueles que operam as redes de prevenção e combate à violência contra a mulher.